

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 12



SANTIAGO DE COMPOSTELA
2009

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites pelo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.^a Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.^a Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ
regina.zilberman@gmail.com

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino Pardo
carmen.villarino@usc.es

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense).

Associe-se pela *homepage* da

AIL: www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 12 – Dezembro de 2009

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Diretora Executiva:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Benjamin Abdala Junior, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Regina Zilberman, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Endereço eletrónico: revista.veredas@gmail.com

Realização:

Revisão: Laura Blanco de la Barrera
Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza
ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES E DA
CONSELHARIA DA CULTURA DA JUNTA DA GALIZA

SUMÁRIO

NOTA DA REDAÇÃO	7
LEONOR MARTINS COELHO Irene Lucília Andrade: regate(s) do passado para um questionamento do presente.....	9
THIERRY PROENÇA DOS SANTOS Madeira: reflexões à margem do sistema cultural português.....	27
MARCO LIVRAMENTO Virado do avesso ou a polifonia da verdade.....	43
JURACY ASSMANN SARAIVA Memorial de Aires: autorreferencialidade e denúncia da utopia realista.....	67
ROBERTO LÓPEZ-IGLESIAS SAMARTIM Critérios canonizadores num sistema literário deficitário (o caso galego para 1974-1978).....	81
REGINA ZILBERMAN Narrativas da infidelidade em <i>Sagarana</i> , de Guimarães Rosa.....	107

NOTA DA REDAÇÃO

Tal e como foi anunciado no número anterior, a revista *Veredas* começa uma nova etapa caracterizada pela sua transformação ao suporte exclusivamente eletrônico, e também por assumir o sistema de avaliação por pares para a seleção dos trabalhos para a publicação. Isto significa que os artigos aqui recolhidos foram em todos os casos enviados pelas suas autoras e autores para serem apreciados por especialistas, e que só os 6 efetivamente publicados cumpriam os requisitos de qualidade que a revista da Associação Internacional de Lusitanistas requer.

Queremos agradecer desde a direção da revista, em primeiro lugar, a preferência que as investigadoras e investigadores responsáveis tanto dos trabalhos que agora apresentamos como dos que ficaram fora, mostraram pela nossa publicação. Igualmente, queremos agradecer o trabalho generoso de avaliadoras e avaliadores que se prestaram a colaborar com a direção da *Veredas* não apenas na aceitação ou não dos trabalhos recebidos, mas também na leitura enriquecedora dos artigos que beneficiaram em diferentes medidas dos seus informes.

Este número 12 tem um teor fundamentalmente literário, e apresenta uma alargada panorâmica das literaturas lusófonas em boa parte das suas coordenadas geográficas: de visões sobre clássicos portugueses e brasileiros até a abordagem de questões sobre identidades literárias em espaços insulares, passando pelos processos canonizadores no sistema galego ou pela análise de uma produtora absolutamente contemporânea.

A produção literária da ilha da Madeira é analisada nos artigos de Leonor Martins Coelho e de Thierry Proença dos Santos. No primeiro caso com a apresentação da obra de Irene Lucília Andrade, focando a relação que se estabelece entre passado e presente, memória e identidade em dous textos recentes desta escritora com longa trajetória desde a publicação em 1968 de *Hora Imóvel*, e presença recorrente em antologias que recolhem tanto poesia como narrativa madeirense. Proença dos Santos, por seu turno, reflete no seu trabalho sobre o

processo de elaboração de uma identidade literária madeirense e as relações desta com a literatura portuguesa em que se enquadra e com as literaturas “insulares”.

Através dum estudo de caso da literatura galega na década de 70, Roberto Samartim analisa os processos canonizadores entendidos como dinâmicos, mostrando os diferentes fatores que explicam tanto o funcionamento do sistema nesse período como a construção posterior do conhecimento sobre este.

Três dos vultos centrais das literaturas em língua portuguesa são trazidos a estas *Veredas* por meio das pesquisas de Juracy Assmann Saraiva, Regina Zilberman e Marco Livramento. No primeiro caso, a prof. Saraiva achemos uma interpretação em chave da pós-modernidade da abordagem paradoxal que Machado de Assis faz da escrita literária no seu último texto publicado –*Memorial de Aires*. A prof. Zilberman revisa as personagens femininas mais conhecidas da produção clássica do século XIX brasileiro sob a luz da dicotomia entre Helenas e Penélopes para se centrar na análise destas personagens em *Sagarana* de Guimarães Rosa. Finalmente, Marcos Livramento oferece uma nova visão do fingimento pessoano, procurando nos seus textos uma arte poética modernista que ilumine a compreensão destes.

A iminente posta em andamento do novo sítio web da Associação permitirá a partir do próximo número um contato mais direto e ágil da revista com as investigadoras e investigadores que queiram contribuir com as suas pesquisas, e dará uma nova e maior difusão aos nossos trabalhos. Confiamos em que isto contribua para a satisfação tanto das pessoas que leem *Veredas* à procura das novidades mais importantes na pesquisa em língua portuguesa sobre assuntos da produção cultural da Lusofonia, como daquelas que procuram um lugar onde publicar estas pesquisas em português e com garantias de difusão e de rigorosa avaliação.

Elias J. Torres Feijó
Diretor

Raquel Bello Vázquez
Diretora Executiva

Narrativas da infidelidade em Sagarana, de Guimarães Rosa

REGINA ZILBERMAN
UFRGS; FAPA

Fidelidade e infidelidade são comportamentos humanos corporificados por duas figuras míticas da Antiguidade: Helena e Penélope, personagens dos épicos *Iliada* e *Odisseia*, atribuídos a Homero. Da literatura clássica migraram para a ficção contemporânea. Em *Sagarana*, de Guimarães Rosa, o tema da infidelidade, e seu avesso, a fidelidade, pode ser descrito a partir de suas aproximações às míticas Helena e Penélope.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; *Sagarana*; personagem feminina; infidelidade.

Faithfulness and unfaithfulness are human behaviors represented by two mythical figures from Antiquity: Helen and Penelope, characters from the homeric epic poems, *Iliad* and *Odyssey*. From the classic literature, they migrated to the modern fiction. In Guimarães Rosa's *Sagarana*, the theme of unfaithfulness, and its opposite, the faithfulness, can be described from the viewpoint of its proximity to the mythical Helen and Penelope.

Key words: Guimarães Rosa; *Sagarana*; female character; unfaithfulness.

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos
Bravos guerreiros de Atenas

Chico Buarque de Holanda

1. Entre Penélopes e Helenas

No século XIX, a ficção brasileira balançou entre Penélopes e Helenas. Penélope em terras de Pindorama é Carolina, que protagoniza *A viúvinha*, uma das primeiras novelas de José de Alencar (1829-1877). Comparece igualmente em um conto que Machado de Assis (1839-1908) publicou no *Jornal das Famílias* em 1868, “A mulher de preto”, conforme sugere o narrador da história, ainda que, nesse caso, a heroína, Madalena, igualmente uma falsa viúva, ao invés de aguardar o marido distante, vai em busca dele, no Rio de Janeiro. Até Capitu, enquanto espera Bentinho liberar-se da promessa de sua mãe, que queria fazê-lo padre, e obter o diploma em Direito em São Paulo, tem sua faceta Penélope, ainda que dela suspeite o vigilante José Dias, olheiro do futuro bacharel.

As Helenas também comparecem em número notável, embora seja aos olhos dos parceiros masculinos que, seguidamente, se apresentem sob o ângulo da mulher pouco confiável, ao mesmo tempo simulada e sedutora, fêmea de difícil definição. A Lúcia, que protagoniza *Lucíola*, de José de Alencar, exhibe identidade escorregadia, a começar pela sua denominação. Batizada Maria da Glória, adota o nome de uma amiga quando essa morre, para figurar com uma espécie de apelido, de alcunha ou metáfora na capa do livro assinado pelo romancista cearense.

Foi, contudo, Machado de Assis que desenhou a Helena-matriz da ficção nacional, modelo que migra de um romance para outro, adensando-se. O folhetim que Machado publicou em 1876, originalmente no jornal *O Globo* e, depois, em livro, pela Garnier,

apresenta o formato original da personagem, já que a personagem lendária dá nome não apenas à protagonista do texto, mas também à obra inteira, sugerindo a associação entre as duas figuras.

Como se sabe, a Helena dos helênicos dispôs, entre seus conterrâneos, de substancial trajetória literária: aparece nas duas epopeias, a *Iliada* e a *Odisseia*, atribuídas a Homero (século VIII?), depois em poema de Estesícoro (c. 632 a. C.- c. 553 a.C.) datado do século VI a. C., e ocupa a imaginação de pensadores e artistas do século V a. C., bastando lembrar a *Apologia de Helena*, do sofista Górgias (480 a. C.-375 a. C.), e os dramas de Eurípedes (485 a. C.-406 a. C.), *As troianas*, de 415 a. C., e *Helena*, de 412 a. C.

Nessas obras, Helena é invariavelmente uma figura dotada de grande beleza, qualidade que transportou para suas representações modernas, como se verifica em *A trágica história da vida e morte do Doutor Fausto*, de Christopher Marlowe (1564-1593), ou no *Fausto*, de Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832). É também mulher sedutora, a ponto de reverter a fortuna em seu favor, como mostra Eurípedes, em *As troianas*, e Górgias, na *Apologia*, capaz de argumentar e justificar-se, até o ponto de caírem as acusações que pesam sobre sua pessoa. Mas nunca deixa de se mostrar simulada e pouco confiável, propriedades que se evidenciam desde a *Odisseia*, de Homero, onde tem curta participação em episódio exemplar para sua caracterização. Nesse trecho da epopeia, que ocupa o canto IV, ela relembra para Telêmaco, filho de Ulisses, e diante de Menelau, outra vez seu marido e de novo em Esparta, a saudade de sua pátria, quando estava em Troia, longe da terra natal. É então contestada pelo cônjuge, que recorda o incidente do cavalo de madeira, em cujo interior os aqueus se escondiam, com o fito de tomar a cidade inimiga. Nessa ocasião, Helena, junto com as troianas, imitava a voz dos soldados gregos, visando fazê-los denunciarem-se e, com isso, prejudicar o estratagema que os levou à vitória:

Las troyanas rompieron a llorar con fuerza, mas mi corazón se alegraba, porque ya ansiaba regresar rápidamente a mi casa y lamentaba la obcecación que me otorgó Afrodita cuando me

condujo allí lejos de mi patria, alejándome de mi hija, de mi cama y de mi marido, que no es inferior a nadie ni en juicio ni en porte.

Y el rubio Menelao le contestó y dijo:

(...) Tres veces lo acercaste a palpar la cóncava trampa y llamaste a los mejores dánaos, designando a cada uno por su nombre, imitando la voz de las esposas de cada uno de los argivos. También yo y el hijo de Tideo y el divino Odiseo, sentados en el centro, lo oímos cuando nos llamaste. Nosotros dos tratamos de echar a andar para salir o responder luego desde dentro. Pero Odiseo lo impidió y nos contuvo, aunque mucho lo deseábamos. Así que los demás hijos de los aqueos quedaron en silencio, y sólo Anticlo deseaba contestarte con su palabra. Pero Odiseo apretó su fuerte mano reciamente sobre la boca y salvó a todos los aqueos (Homero, 1960: 48).

Na obra de Machado de Assis, a protagonista faz jus ao nome, pois também ela oscila entre duas pátrias, a de sua família original, pois protege o pai, Salvador, e a da família que a adotou, os Vale, não confessando a Estácio a falsidade de sua posição. Nesse romance de recorte romântico e posicionamento conservador, porém, Helena não alcança a redenção, pois não dispõe de suficiente habilidade para conciliar as duas paternidades, a falsa, que a beneficia, e a verdadeira, que a prejudica. Na impossibilidade de harmonizar os contrários, acaba vítima das contradições que armou.

Virgília, sua sucessora e personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é mais bem sucedida, podendo trocar de casa, sem mudar de personalidade. Talvez a diferença entre as duas moças, portadoras, ambas, de denominações de procedência clássica, uma grega, outra latina, seja de ordem econômica, já que, nascida em berço de ouro e bem casada, Virgília não precisa se proteger da miséria. Mas a esposa de Lobo Neves e amante de Brás Cubas arrisca sua honra, que preserva por meio do melhor dos ardis –a simulação, jamais falando de um parceiro quando está na presença

do outro, que é tanto mais eficaz, quanto mais ancorada no encanto pessoal e na beleza.

Sofia, de *Quincas Borba*, é mais uma personagem cuja nomeação é devedora da migração de vocábulos gregos para a língua portuguesa. Também ela não diverge do paradigma, embora esse só seja amplamente confirmado em *Dom Casmurro*, quando entra em cena Capitolina, a fêmea que talvez se equipare ao Zeus Capitolino celebrado, mas evitado por Olavo Bilac (1865-1918) poucos anos antes, em “Profissão de fê”:¹

Não quero o Zeus Capitolino
Hercúleo e belo,
Talhar no mármore divino
Com o camartelo (Bilac, 1959: 39).

Capitu sintetiza os atributos de Helena, já que, conforme Bento Santiago, seu namorado e, depois, marido, é bela, sedutora, simulada e pouco confiável. Tal como sua precursora, alterna-se entre duas pátrias, não a dos pais, mas a dos amados e amantes, arriscando-se mesmo a perder a segurança do lar em nome de aventura, na expectativa, provavelmente, de recuperar o conforto anterior. Capitu acaba por não ter essa sorte, mas outra de suas irmãs literárias, Fidélia, de *Memorial de Aires*, é bem sucedida, para felicidade de todos, menos de seu admirador silencioso, o Conselheiro Aires, que assistiu à lenta desconstrução dos protestos de fidelidade por parte dessa viúva que pareceu, mas não foi, uma autêntica Penélope, para conquistar e reter Tristão, o amado da vez.

¹

Ao final do poema, é indicada sua data de criação: 1 de setembro de 1886.

2. Penélopes e Helenas do sertão

Quando Guimarães Rosa (1908-1967) publicou *Sagarana*, em 1946, o legado representado por Penélopes –poucas– e Helenas –muitas– já se mostrava consolidado desde o começo do século XX. Helenas visivelmente prevaricadoras já tinham protagonizado narrativas como *O marido da adúltera*, de 1882, de Lúcio Mendonça (1854-1909), *Hóspede* (talvez a melhor configuração da Helena original em romance brasileiro), de 1888, de Pardal Mallet (1864-1894), *Mocidade morta*, de 1899, de Gonzaga Duque (1863-1911), ou *A esfinge*, de 1911, de Afrânio Peixoto (1876-1947). Independentemente da trajetória da narrativa fecundada pelos propósitos estéticos da Semana de Arte Moderna e da vanguarda modernista, paradigmas de representação do comportamento da mulher se apresentavam ao escritor na qualidade de inspiração ou de sugestão

Sagarana, diante desse padrão, tanto reproduz, quanto subverte os modelos em circulação.

2.1. Pequenas Helenas

Quando eles se entopem de vinho
 Costumam buscar um carinho
 De outras falenas
 Mas no fim da noite, aos pedaços
 Quase sempre voltam pros braços
 De suas pequenas, Helenas

Chico Buarque de Holanda

As Helenas são mais frequentes em *Sagarana*, aparecendo em seis das nove narrativas que formam o conjunto do livro, embora, nem sempre, sejam responsáveis pelos principais acontecimentos. Em “O burrinho pedrês”, por exemplo, pertence ao paradigma das Helenas a “namorada do Silvino” (Rosa, 1956: 46), que Badu tomou, determinando o desejo de vingança por parte do

vaqueiro traído. Por causa disso, Badu é obrigado a domar um touro furioso, jogado para cima dele pelo rival; pela mesma razão, o Major Saulo, que comanda o grupo de peões e exerce grande autoridade moral sobre os rapazes, pede a Francolim que observe o Silvino: «é para vigiar o Silvino, todo o tempo, que ele quer mesmo matar o Badu e tomar rumo. Agora, eu sei, tenho a certeza» (*ib.*: 51). Contudo, a vingança não se concretiza, pois a enchente acaba levando o Silvino, enquanto que Badu, agarrado à cauda do burro Sete-de-Ouros conduzido por Francolim, chega são e salvo, embora bêbado, à fazenda do Major Saulo.

A Helena de “O burrinho pedrês” não tem corporalidade, mas não deixa de prejudicar seus admiradores. A guerra teria sido mais violenta, não fosse a intervenção da natureza, imprevista pelos homens, que, encerrados em seus problemas, não perceberam o avolumar das águas, que transformaram o Córrego da Fome em torrente caudalosa, lavando os pecados do mundo, inclusive os de Silvino, de Badu e da namorada de ambos.

A Helena de “Sarapalha” também não se materializa, embora habite a memória dos dois primos, Ribeiro e Argemiro, que, tomados pela malária, vivem de recordar a época em que o primeiro, casado, tinha saúde e dinheiro, até perder a esposa e deixar-se levar pela doença e pela febre. “Sarapalha” acompanha o padrão lendário, embora não o apresente segundo a perspectiva cronológica, já que a narrativa se concentra na atualidade dos primos condenados pela maleita, até os acontecimentos passados começarem a se revelar nas falas memorialistas das personagens: Primo Argemiro já residia com Primo Ribeiro e a esposa deste, quando aparece o boiadeiro, que «tinha ficado três dias na fazenda, com desculpa de esperar outra ponta de gado... Não era a primeira vez que ele se arranchava ali. Mas nunca ninguém tinha visto os dois sozinhos...» (*ib.*: 135). O hóspede parece ter arrebatado a esposa de Ribeiro, que foge com o estrangeiro, nunca mais retornando.

É a partir desse pressuposto que o relato de Guimarães Rosa começa a emancipar-se do mito original: Ribeiro impede que Argemiro persiga o par fujão, apesar da vontade deles de vingar-se:

Ai, Primo Ribeiro, por que foi que o senhor não me deixou ir atrás deles, quando eles fugiram? Eu matava o homem e trazia minha prima de volta p'ra trás... (*ib.*: 133)

Além disso, os dois parentes já estavam adoentados, quando o fato aconteceu: “gente já estava amaleitados” (*ib.*: 133), conforme observa Ribeiro. Por fim, o que parece mais decisivo, Argemiro igualmente era apaixonado pela moça com quem Ribeiro casara, amor que nascera antes mesmo do matrimônio do primo e que o levava a abandonar tudo, para residir na casa do parente e manter-se próximo da amada. De certo modo, Guimarães Rosa, em “Sarapalha”, duplica as figuras masculinas, estabelecendo, ao mesmo tempo, uma paradoxal triangulação entre eles, já que Argemiro tanto espelha Ribeiro, quanto o boiadeiro, no primeiro caso, porque é o amante abandonado, no outro, porque ele poderia ter sido o motivador do adultério, fato que não aconteceu dada a intromissão do sedutor estrangeiro.

Assim, “Sarapalha” substitui a dupla de rivais por um trio de homens atraídos pela mesma mulher, a que se submetem, dado o poder de encantamento e fascínio que a caracteriza. Sob este prisma, Guimarães Rosa altera a composição masculina do mito original, estabelecida, de um lado, pelos irmãos Menelau e Agamemnon, de outro, pelo troiano Páris. Por sua vez, a personagem feminina não aparece diretamente em cena, sendo tão-somente presença na memória de Argemiro, o ângulo menos favorecido do triângulo, já que não corresponde ao marido, nem à figura masculina que, procedendo de fora, desestabiliza o lar. Argemiro é a metade de cada um desses, sem coincidir com eles, o que acentua sua fragilidade; mas é também a presença mais consistente da narrativa, já que suas recordações verbalizam o passado. No lado oposto, coloca-se a personagem feminina, a mais ausente, porém, pela mesma razão, a mais influente, desarticulando,

a cada vez em que é mencionada, a estabilidade já tão precária dos seres masculinos restantes, os dois primos febris.

“Minha gente” é outra das narrativas que lida com o modelo feminino traduzido pelo mito de Helena. Mas, nesse texto, ela tem nome –Maria Irma– e aparência física digna de descrição bastante detalhada: seu andar tem «ondular de pombo e o deslizar de bailarina, porque o dorso alto dos seus pezinhos é uma das dez mil belezas de Maria Irma.» (*ib.*:196). Mais adiante, o narrador dá conta de outros atributos da moça, destacando os olhos, fator essencial na descrição das personagens femininas e sedutoras nos contos de *Sagarana* e já sugerido quando do desenho da esposa de Primo Ribeiro, em “Sarapalha”:

E reparei que os olhos de Maria Irma são negros de verdade, tais, que, para demarcar-lhes a pupila da iris, só o deus dos muçulmanos, que vê uma formiga preta pernejar no mármore preto, ou o gavião indaiê, que, ao lusco-fusco e em vôo beira nuvens, localiza um anu pousado imóvel em chão de queimada. (*ib.*: 196).

Só que a novela, narrada em primeira pessoa, apresenta a perspectiva do homem que vem de fora –e da cidade, sendo acolhido por seu tio Emílio, que o introduz no sutil jogo da política local. Submetido às graças de Maria Irma, ele confessa seu amor e seu desejo:

De repente, notei que estava com um pensamento mau: por que não namoraria a minha prima? Que adoráveis não seriam seus beijos... E as mãos?!... (...) Acariciar os seus braços bronzeados... Por que não?... (*ib.*: 208-209)

Acaba, porém, vítima dos estratagemas da moça, que o usa, para chegar a Ramiro, o rapaz da vila que almeja desposar. O narrador acaba cedendo à armação da prima e deixa-se casar com Armanda, “a de admirável boca e de olhos esplêndidos” (*ib.*: 227), forma conveniente de terminar sua aventura de modo feliz.

Outra Helena habita a história apresentada em “São Marcos”, inserida na qualidade de relato metalinguístico. Trata-se do episódio de Tião Tranjão, narrado por Aurísio, que conta como o rapaz foi traído pela mulher, vingando-se, depois, por meio da reza de São Marcos, a mesma que salvará José, o protagonista desse texto, da cegueira e da maldição do feiticeiro João Mangolô. Também “Conversa de bois” relata o adultério praticado pela mãe de Tiãozinho, provocando a morte do pai do menino, transportado no carro de bois, e a vingança dos animais, enquanto que “Corpo fechado” dá conta da rivalidade entre Manuel Fulô e Targino, por causa da noiva do primeiro, desejada pelo segundo.

Nos relatos citados, a mulher desempenha papel central, embora, seguidamente, seja apenas matéria da recordação interior ou do discurso de personagens (exceção feita à noiva de Manuel Fulô, em “Corpo fechado”), que, da sua parte, são antes testemunhas dos acontecimentos que seus agentes. O processo colateraliza as figuras humanas, marginaliza-as do decurso da narração, mas não perde de vista sua importância para o desfecho dos fatos relatados. É como se a narrativa pendesse entre a centralidade da figura feminina para o transcurso das ações principais e a apresentação periférica de sua materialidade física, situação que magnifica seu poder, tornado quase divino por força de sua ausência palpável no momento em que os episódios estão sendo passados aos interlocutores do narrador.

Cabe destacar ainda um aspecto relativo à construção dessas personagens: transgressoras, por romperem os laços de fidelidade que as unem a seus parceiros (como a namorada do Silvino, a esposa do Primo Ribeiro, a filha do tio Emílio, Maria Irma, a mulher de Tião Tranjão, a mãe de Tiãozinho), elas são também bem sucedidas, já que seus novos companheiros não as abandonam. Assim, elas não são criminalizadas, nem punidas; curiosa ou paradoxalmente, o castigo, quando ocorre, atinge sobretudo o ex-amado (Silvino, Primo Ribeiro, Primo Algemiro) e só eventualmente o novo amante, como ocorre a Agenor Soronho, em “Conversa de bois”.

Esse posicionamento é coerente com a conformação clássica do mito de Helena, que, tendo causado, entre outros males, a guerra entre aqueus e troianos, o que levou à destruição da cidade e da família de Príamo, não sofre qualquer penalidade, exceto as palavras amargas da vencida Hécuba, em *As troianas*, de Eurípedes, ou a réplica de Menelau, no citado trecho da *Odisseia*. Implantando no coração do sertão mineiro suas Helenas nativas, Guimarães Rosa confirma o mito, dando continuidade, de modo, porém, nada moralista, a uma tradição que remonta ao Romantismo nacional.

2.2. Penélopes impacientes

Quando eles embarcam soldados
 Elas tecem longos bordados
 Mil quarentenas
 E quando eles voltam, sedentos
 Querem arrancar, violentos
 Carícias plenas, obscenas [...].

Chico Buarque de Holanda

Penélopes são personagens de mais difícil representação. Paradigma da esposa fiel, que aguarda o retorno do parceiro, garantindo a estabilidade do lar e a gestão da família, a figura de Penélope arrisca-se à submissão e à subalternidade. Não é o caso da rainha da Ítaca e companheira de Ulisses; também não é o caso das personagens criadas por Erico Verissimo (1905-1975), que conferiu a seres imaginários como Clarissa, em *Saga*, por exemplo, ou Bibiana Terra, em *O Continente* -primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*-, status de guerreiras domésticas, mulheres cuja fibra depende de sua capacidade de resistir ao assédio do mundo masculino, representado pelo poder, a riqueza e a autoridade.

Guimarães Rosa dá outra estatura ao mito de base. Uma de suas representações mais provocadoras aparece em “A volta do marido pródigo”, cujo título alude à situação original, experimentada por Ulisses, só que vertida em timbre paródico. O

indigitado “marido pródigo” é Eulálio de Souza Salãthiel, o Lalino, que trabalha na construção da estrada de rodagem entre Belo Horizonte e São Paulo. É amado por sua esposa, Maria Rita, conforme o depoimento de algumas personagens que conhecem o casal, sendo que o próprio narrador informa que ela «o bem-queria muito» (Rosa, 1956: 84). Contudo, nem Lalino está satisfeito com sua vida, sentindo-se muito limitado no acanhado ambiente de trabalho, nem Maria Rita é criatura de deixar os outros indiferentes, pois, conforme sugere um diálogo entre personagens secundárias, o Ramiro espanhol, outro dos trabalhadores engajados na construção da estrada, ronda a mulher de Lalino; e, embora um deles comente que “séria ela é” e que “ela gosta dele, muito” (*ib.*: 79), o outro retruca: «É, mas quem tem mulher bonita e nova, deve de trazer debaixo de olho...» (*ib.*: 79).

Eis o que Lalino não faz; pelo contrário, desejoso de romper suas estreitas fronteiras, pois nunca tinha passado «além de Congonhas, na bitola larga, nem de Sabará, na bitolinha, e, portanto, jamais pôs os pés na grande capital» (*ib.*: 80-81), resolve partir, dirigindo-se a Belo Horizonte e, depois, para a «capital do país» (*ib.*: 91). Não apenas abandona a mulher –a mesma que, numa manhã em que «vendo que o marido não ia trabalhar, esperou (...) o milagre de uma nova lua-de-mel. Enfeitou-se melhor, e, silenciosa, com quieta vigilância, desenrolava, dedo a dedo, palmo a palmo, o grande jogo, a teia sorrateira que às mulheres ninguém precisa de ensinar» (*ib.*: 85)– como, para poder viajar, pede dinheiro emprestado para o rival Ramiro, “negociando”, de certo modo, a mulher Maria Rita, que encantava o outro.

Maria Rita não apenas fica desobrigada de aguardar o marido aventureiro, como acaba por amigar-se com Ramiro: depois de três meses, ela «estava morando com o espanhol» (*ib.*: 90). Lalino, porém, retorna à casa, após ter passado por aventuras que, segundo o narrador, «só podem ser pensadas e não contadas, porque no meio houve demasia de imoralidade» (*ib.*: 91). Sem dinheiro e sem mulher, ele vai em busca do auxílio do Major Anacleto, que concorre à reeleição em sua terra. Lalino revela-se excelente cabo

eleitoral, conquistando votos para o Major até em redutos oposicionistas. Sabendo ter sido um colaborador eficiente, o “marido pródigo” pede ajuda a Oscar, filho de Anacleto, com o fito de reconquistar Maria Rita.

Mais uma vez a Penélope sertaneja surpreende: pois, se se recusara a aguardar o marido fujão, agora é a primeira a tomar sua defesa, argumentando: «Fiquei com o espanhol por um castigo, mas o Laio é que é meu marido, hei de gostar dele até na horinha d’eu morrer!» (*ib.*: 112).

Ao final, é ela –conforme o narrador, «uma rapariga bonita, em pranto, com grandes olhos pretos que pareciam os de uma veadinha acuada em campo aberto» (*ib.*: 116)– quem pede ajuda ao Major, visando alcançar a reconciliação, resultado obtido ao final do relato.

Maria Rita é, assim, a mulher de um só homem, ainda que tenha aceitado o comércio com o espanhol Ramiro, de certo modo facilitado pelo marido. Outras duas senhoras, embora apresentem semelhanças físicas com a esposa de Lalino, não agem da mesma maneira.

Dona Silivana, esposa de Turíbio Todo, é a Penélope mais impaciente do grupo feminino de *Sagarana*. Seu marido, «seleiro de profissão» (*ib.*: 145), ficara sem serviço com o advento da «estrada-de-ferro» e «de duas estradas de automóvel» (*ib.*: 146); ele então «caiu por força na vadiação» (*ib.*: 146), o que significa passar o tempo em pescarias e outras aventuras fora de casa. Um dia, retornando de uma dessas atividades, conta o narrador, «veio encontrá-la [Silivana] em pleno (com perdão da palavra, mas é verídica a narrativa) em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos» (*ib.*: 147).

Essa Penélope, pois, não perdera tempo, tomando-se de amores pelo ex-anspeçada Cassiano Gomes. Turíbio Todo resolve vingar-se, mas, sabendo que o rival é bom atirador, escolhe tocaião; contudo, decide desde logo poupar Silivana:

Nem por sonhos pensou em exterminar a esposa (Dona Silivana tinha grandes olhos bonitos, de cabra tonta), porque era um cavalheiro, incapaz da covardia de maltratar uma senhora, e porque basta, de sobra, o sangue de uma criatura, para lavar, enxaguar e enxugar a honra mais exigente. (*ib.*: 148)

O ardil de Turíbio Todo não resulta bem: acaba por alvejar Levindo Gomes, irmão de Cassiano Gomes, o que provoca nova necessidade de vingança, matéria da longa travessia dos dois homens pelo sertão, até culminar na morte do marido traído por um capiauí, o 21, que o surpreende com um tiro certeiro. Enquanto corta o território de Minas Gerais e o de São Paulo, em fuga, Turíbio não deixa de retornar à casa e rever a mulher, que, Penélope dos avessos, aproveita a oportunidade para saber dos planos do marido e contá-los ao amante.

Penélope impaciente é, por fim, Dianóra, esposa de Augusto Esteves (depois, Matraga), o irresponsável filho do coronel Afonso Esteves, «das Pindaíbas e do Saco-da Embira.» (*ib.*: 329). De Augusto diz o narrador que andava «sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda –no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul– ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas» (*ib.*: 334). Como se vê, um Ulisses sem epopeia, que ainda piora após a morte do pai, pois ficara «mais estúdio, estouvado e sem regra» (*ib.*: 334), com «dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca» (*ib.*: 334).

Dianóra, por sua vez, «tinha belos cabelos e olhos sérios» (*ib.*: 333) e «amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara outros todos» (*ib.*: 335). A boa Penélope, porém, cansa, especialmente após a decadência econômica e moral do marido. Cansa também porque «agora, porém, tinha aparecido outro» (*ib.*: 335). No começo, a moça hesita, segundo informa o narrador: «Não, só de pôr aquilo na ideia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso» (*ib.*: 335). Mas acaba por ceder, pois «o

outro era diferente! Gostava dela, muito...» (*ib.*: 335), o que a leva a abandonar Augusto Esteves e partir, acompanhada da filha, na companhia de Ovídio Moura. Mais adiante, quando Augusto, em penitência, busca a redenção por seus pecados da juventude, descobre, por intermédio do Tião da Thereza, qual foi o destino de sua mulher e de sua filha: «a mulher, Dona Dianóra, continuava amigada com seu Ovídio, muito de-bem os dois, com tenção até em casamento de igreja» (*ib.*: 349); a filha, por sua vez, «crescera sã e se encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida, seduzida por um cometa, que a levava do arraial, para onde não se sabia...» (*ib.*: 249).

A penélope Dianóra, mais paciente que as antecessoras Maria Rita, de “A volta do marido pródigo”, e Silivana, de “Duelo”, fora igualmente bem sucedida, reproduzindo-se um padrão de comportamento, caracterizado pela infidelidade conjugal por parte de moças assediadas por homens atraentes que, direta ou indiretamente, abalam sua situação doméstica e até podem retirá-las de casa. Essas Penélopes, ao contrário das Helenas, têm presença física e corporalidade no relato, destacando-se sobretudo a beleza. Mas, tal como ocorre ao primeiro grupo, elas não são objeto de criminalização ou castigo, até porque sua culpabilidade é matizada.

Não é difícil reconhecer o reaparecimento dessas personalidades no desenho de personagens de *Corpo de baile*, como Nhanina, a mãe de Miguilim, de “Campo geral”, dividida entre Bernardo Caz, seu marido e pai do menino, e o Tio Terez, problema resolvido com a morte do primeiro, reproduzindo a dualidade configurada na clássica Helena. Por sua vez, Doralda, de “Dão-lalalão, o devente” personifica a Penélope por excelência, à espera do retorno de Soropita, ainda que a travessia do marido reduza-se ao trajeto entre o Ao e o Andrequicé. Otacília, de *Grande sertão: veredas*, também se incorpora ao modelo das penélopes sertanejas, de todas talvez a única em que o quesito paciência jamais é posto em dúvida.

Com nenhuma delas, porém, identifica-se Diadorim, talvez porque essa mulher guerreira nunca tenha abdicado da fidelidade,

um de seus atributos, não o principal, provavelmente, contudo, o mais constante. De todo modo, essas personagens já não pertencem a *Sagarana*, conjunto de narrativas em que Guimarães Rosa, pela primeira vez, deparou-se com a volubilidade do amor e a imprevisibilidade das mulheres.

REFERÊNCIAS

- BILAC, Olavo: “Profissão de fé”. In: *Olavo Bilac*. Poesia. Agir: Rio de Janeiro, 1959.
HOMERO: *La Odisea*. Trad. de Luis Segala y Estalella. Aguilar: Madri, 1960.
ROSA, João Guimarães: *Sagarana*. 4ª ed. [versão definitiva], José Olympio: Rio de Janeiro, 1956.

OS/AS AUTORES/AS:

Leonor Martins Coelho é Professora Auxiliar da Universidade da Madeira (Centro de Competências Artes e Humanidades), investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa, no âmbito do projecto “Estudos Utopianos” e Doutorada na área dos Estudos Interculturais (título da dissertação: “O universo ficcional de Gérard Aké Loba: utopia e construção da identidade pós-colonial”).

Endereço eletrónico: leoma@uma.pt

Thierry Proença dos Santos é Professor Auxiliar da Universidade da Madeira, desde 2007. É doutorado em Linguística Aplicada, e membro do *Centro de Tradições Populares Portuguesas* (F.L.U.L.). Tem vindo a desenvolver pesquisas e estudos sobre produções culturais e literárias na ilha da Madeira. Participou nos seguintes projectos editoriais: *Crónica Madeirense (1900-2006)*, antologia organizada por Fernando Figueiredo, Leonor Martins Coelho e Thierry Proença dos Santos, Campo das Letras, Porto, 2007; *e depois? sobre cultura na Madeira*, actas do ciclo de conversas com posfácio dos organizadores, em co-autoria com Ana Isabel Moniz e Diana Pimentel, Universidade da Madeira, Funchal, 2005; e *Narrativas Contemporâneas da Madeira*, antologia bilingue português-francês, em co-autoria com Isabel Baião dos Santos e João Paulo Tavares, Secretaria Regional da Educação, Funchal, 1997. Coordenou o número especial da revista *Margem 2*, nº 25, Dezembro 2008, Câmara Municipal do Funchal, dedicado ao tema “Viver (n) o Funchal”. Preparou a edição do romance *Canga* de Horácio Bento de Gouveia (com introdução e estabelecimento do texto por Thierry Proença dos Santos), E.M. 500 Anos do Funchal, Funchal, 2008. Publicou a monografia *Comeres e Beberes Madeirenses em Horácio Bento de Gouveia*, Campo das Letras, Porto, 2005. Participa regularmente em congressos e não descursa a

intervenção cultural (apresentação de livros, colaboração com a comunicação social e com as escolas).

Endereço eletrônico: thierry@uma.pt

Marco Livramento investigador, natural e residente no Funchal, Ilha da Madeira, é licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa e mestre em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Os temas literários madeirenses têm ocupado muito do seu tempo dedicado à investigação, levando à publicação de alguns artigos em revistas nacionais.

Endereço eletrônico: livra@net.sapo.pt

Juracy Assmann Saraiva é Pós-Doutora em Teoria da Literatura pela UNICAMP; professora do Curso de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais do Centro Universitário Feevale, de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Endereço eletrônico: jjas@sinos.net

Roberto López-Iglesias Samartim é professor na Universidade da Corunha desde 2006, e foi professor visitante na Universidade de Vigo em 2003. Licenciado em Filologia Galega com prémio extraordinário (1998), Filologia Portuguesa (1998) e DEA em Estudos Clássicos e Medievais (2000) pela USC. Bolseiro de investigação do Instituto Camões (1999-2001) e da USC (2003-2005), Prémio Carvalho Calero de Investigação em 2002 com A Dona do Tempo Antigo. Mulher e campo literário no Renascimento Português (1495-1557) (Ed. Laivento, 2003), integra o projeto FISEMPOGA, entre cujos resultados apontamos “Défices projetivos e estratégias de planificação cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza: 1968-1978)” (Estudos Galego-Brasileiros IV, Corunha/ Rio de Janeiro, UdC/ UFRJ [no prelo]).

Regina Zilberman é doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg (Alemanha), professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFRGS, professora das Faculdades Porto-Alegrenses e pesquisadora 1A, do CNPq.

Endereço eletrônico: regina.zilberman@gmail.com